



Memória Descritiva Analítica do Projeto Experimental -
"Rio de Contas : Mistérios da Fé ". Apresentado por
Marlúcia Araújo, no Colegiado de Graduação da Faculdade
de Comunicação da UFBA, para conclusão do Curso Bacharel
em Comunicação Social - habilitação em Jornalismo - sob a
Orientação da Prof^a Vera Martins. 1999.2

RESUMO

"*Rio de Contas: Mistérios da Fé*" é um vídeo-documentário (com 10min. 40s. de duração) que incursiona pelos rituais da pomposa festa de *Corpus Christi*, em uma das mais belas cidades da Chapada Diamantina. A histórica Rio de Contas é o segundo pólo turístico da região e o *Corpus Christi* é um dos eventos que mais atrai visitantes para o município.

O *Corpus Christi* é uma das mais importantes comemorações do calendário católico, no Brasil são apenas quatro paróquias que têm o Santíssimo Sacramento como padroeiro, entre elas Rio de Contas. São mais de 200 anos de tradição e fé, que teve início em 1745, quando o arcebispo D. José Botelho de Matos canonizou o *Corpus Christi* como protetor da cidade. Este vídeo mostra desde os preparativos que antecedem os festejos, até a benção final na Igreja Matriz.

INDÍCE

- **Introdução.....pg 01**
- Projeto Experimental
- *que é Corpus Christi?*pg 03
- Origem
- Justificativa.....pg 04
- Hino de Rio de Contas.....pg 05

- **Contextualização Teórica.....pg 06**
 - O vídeo
 - Diálogo com outros gêneros.....pg 09
 - Escolha do gênero.....pg 11

- **Processo de produção.....pg 12**
 - O embrião
 - A pré-produção.....pg 15
 - Dificuldades.....pg 17
 - Os fades.....pg 19
 - A pós-produção
 - Cronograma.....pg 20
 - Orçamento

- **Conclusão.....pg 21**

- **Anexo**.....pg 22
- **Bibliografia**.....pg 23

INTRODUÇÃO

- **O projeto Experimental**

A idéia inicial do meu Projeto era fazer uma tele-reportagem - com características de documentário, ou seja, com uma duração de tempo maior do que normalmente é a tele-reportagem e com uma linguagem mais leve e poética - sobre Rio de Contas e a festa de *Corpus Christi*, padroeiro da cidade. Este documentário seria dividido em três partes: a primeira, falaria sobre a cidade (localização geográfica, origem, seu conjunto arquitetônico da era colonial, a infra-estrutura turística e as curiosidades históricas). Esta primeira parte seria uma espécie de *tour* que o telespectador faria à distância.

Após o passeio pela cidade, o telespectador mergulharia em suas tradições. Nada melhor do que conhecer a pompa e o requinte da festa de *Corpus Christi*. Esta comemoração católica se sobressai das demais, até pela arrumação da “casa” que é especial. Nesta ocasião a cidade se enfeita e se ilumina com mais *glamour* para celebrar o seu protetor, tornando-se mais bela e atraente aos olhos dos visitantes. A segunda parte mostraria a preparação da festa e a tradicional “Noite das Lanternas” que acontece na véspera de *Corpus Christi*. Falaria da importância do hino regional do Santíssimo Sacramento e de seus compositores (já falecidos). Nesta etapa do documentário também seria mostrada a relação da festa com o turismo local. E, por fim, a terceira parte mostraria o dia de *Corpus Christi*: a Missa Eucarística – ponto alto da festa – a procissão e a benção final na igreja Matriz.

A produção e o roteiro de filmagem foram pensados para realizar o documentário nesses moldes. As entrevistas também foram assim direcionadas (historiador local, prefeito, parentes dos compositores do hino do Santíssimo Sacramento regional - falando da contribuição dos autores para essa tradicional festa religiosa: padre; artesão que fabrica as lanternas, músicos e o presidente da Filarmônica).

Você deve estar se perguntando: e os fiéis não falam? Na concepção roteirística os fiéis não foram cogitados para as sonoras, eles foram preteridos por eu achar que nesta festa em particular, suas entrevistas pouco acrescentariam ao meu trabalho. Os fiéis desta comemoração católica (pelo menos em Rio de Contas) não deixam transparecer emoções fortes como aquelas dos romeiros que vão a Bom Jesus da Lapa – na Bahia; a Juazeiro do Norte - no Ceará; ao Círio de Nazaré – no Pará . Estes fiéis, sim, transpiram emoção, despertam compaixão. Neste caso, eles são os atores principais: pagam promessas, carregam nos ombros histórias de sofrimento e, nos olhos, muita esperança em alcançar as graças pedidas aos seus santos protetores. Portanto, seus relatos seriam imprescindíveis, pois teriam muitas histórias para contar e acrescentariam sobremaneira num trabalho desta natureza.

Os dois tipos de fiéis sem dúvida têm fé, mas as situações e os festejos é que são diferentes. A festa de *Corpus Christi* é mais “elitizada”, seus fiéis são menos sofridos, menos fervorosos e mais contidos. Eles apenas seguem um ritual de anos de tradição católica. Comparo o *Corpus Christi* em Rio de Contas a uma recepção domiciliar, igual quando arrumamos a nossa casa de modo especial, em que os cristais, a prataria e todo refinamento de que dispomos é ostentado para agradar ao homenageado e aos convidados.

É com essa analogia que descrevo a festa de *Corpus Christi* em Rio de Contas. Seria leviano da minha parte forjar situações de pura emoção em relação aos fiéis e retratar isso na reportagem. A participação dos fiéis se faz presente no momento em que é mostrado o envolvimento da comunidade com a festa. A proposta desse trabalho, desde o início, é mostrar a beleza da festa , seus rituais e tradições. Na versão atualizada, o documentário

apresenta um formato mais enxuto, ou seja, não está dividido em partes, ficando de fora a introdução à cidade. A história e a beleza de Rio de Contas são mostradas de forma sutil, através do hino do Santíssimo Sacramento que é declamado logo no início do vídeo. A versão anterior continha muitos apêndices, logo que comecei a editar vi que poderia ficar cansativo e confuso. Seguindo um conselho do professor Umbelino Brasil, concentrei – me somente na festa.

- **O que é o Corpus Christi ?**

Corpus Christi é uma das maiores e mais bonitas comemorações do calendário católico. É festejado como padroeiro em apenas quatro cidades brasileiras, entre elas, Rio de Contas. Em 1745, a Vila foi elevada à categoria de Freguesia sob a denominação de Freguesia do Santíssimo Sacramento das Minas do Rio de Contas, sendo consagrada pelo arcebispo Dom José Botelho de Matos. Desde então, a população preserva fielmente a tradição herdada dos portugueses fundadores do município e comemora a Festa de *Corpus Christi* com o envolvimento de toda a comunidade.

Novenas e pequenas celebrações marcam a programação religiosa. Na noite de véspera, as tradicionais lanternas enfeitam e iluminam a externa das casas, simbolizando a chama divina do Sagrado Santíssimo Sacramento. Uma procissão, acompanhada pela Filarmônica Lira dos Artistas, convoca a população para os festejos do dia seguinte.

As ruas são enfeitadas com desenhos e símbolos sacramentais, toalhas de renda, jarro de flores e plantas nas calçadas complementam o cenário festivo. A Missa da Eucaristia, uma procissão, acompanhada por centenas de fiéis, e as bênçãos do Santíssimo encerram o novenário em louvor ao padroeiro de Rio de Contas.

- **Origem**

A comemoração do *Corpus Christi* teve início em 1263, na Itália. Um Pe. chamado Pedro de Praga vivia pedindo a Deus que lhe mostrasse a presença de Cristo na Eucaristia (Hóstia). Tanta descrença levou o sacerdote a fazer uma peregrinação a Roma para rezar nos túmulos dos apóstolos Pedro e Paulo, sempre pedindo o dom da fé. Passando por Bálsema, o padre resolveu celebrar uma missa na cripta de St^a Cristina. Lá aconteceu o “Milagre Eucarístico”. Quando fazia a elevação da Hóstia Ela transformou-se, milagrosamente, em carne viva e entre os dedos do sacerdote escorria sangue.

O Papa Urbano IV foi informado do acontecimento e foi para a entrada de Roma receber a Hóstia. Naquele momento houve uma grande procissão, considerada a primeira de *Corpus Christi*. A Hóstia que se transformou no Corpo de Cristo encontra-se depositada em um relicário, em Roma.

- **Justificativa**

A escolha da Festa de *Corpus Christi*, em de Rio de Contas, como meu objeto de estudo se deve ao caráter singular de seus festejos na região da Chapada. E a importância que tem esta comemoração católica para o município. Como já foi dito anteriormente, somente três cidades brasileiras, além de Rio de Contas, têm o Santíssimo... como padroeiro. (Segundo informações, as outras cidades localizam-se: uma no estado do Espírito Santo, outra no estado do Rio de Janeiro e a terceira é Itaparica, na Bahia).

A Festa merece registro, não só por sua beleza, como também pela preservação de valores religiosos mantidos até hoje pela tradição católica. É toda uma comunidade que se empenha para manter um ritual que se repete há 254 anos, desde quando a Vila foi emancipada pelos então fundadores portugueses. Outro fato curioso é que normalmente os padroeiros das cidades e dos países são santos ou santas (do Brasil, por exemplo, é N. Sra.

Aparecida). No caso de Rio de Contas, seu protetor é o *Corpus Christi* (a Hóstia Consagrada), também chamado de Santíssimo Sacramento

Um dos momentos mais emocionantes dessa festa é quando o Hino regional do S. Sacramento é executado pela Filarmônica, na Igreja Matriz na hora da Comunhão. O Hino foi composto pelos riocontenses a poetisa e escritora Ester Trindade (letra) e o boticário e maestro Esaú Pinto (música).

- **Hino Regional do Santíssimo Sacramento**

Rio de Contas há séculos curvado/ Ao Santíssimo se entregou

E seu povo adora prostrado/ Ante o altar que o passado legou.

Doce Jesus, Sacramentado/ Guarda teu povo Jesus Amado. (bis)

As cascatas nas grimpas das serras/ O Brumado em seu leito feliz

Os rosais rodeando esta terra/ Teu amor Jesus-Hóstia bendiz

Nestas serras azuis altaneiras/ Atalaias da fé no sertão.

Sertanistas de ousadas bandeiras/ Trouxeram-Te ao nosso coração.

Bendizendo teu nome divino/ Desde o início de antigas conquistas

Nesta terra Te cantam mil hinos/ O martelo e a bigorna do artista.

E na tenda feliz do trabalho/ No labor da existência ou na dor.

Nunca em vão foi Teu nome invocado/ Hóstia-Santa de Luz e de Amor.

* O hino narra a história da fundação da cidade e a devoção dos riocontenses para com o seu padroeiro, o Santíssimo Sacramento (Corpus Christi) . Este hino tornou-se também o hino oficial de Rio de Contas de acordo um Decreto Municipal. Por estas razões inicio o documentário declamando suas duas primeiras estrofes.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

- O Vídeo

A palavra vídeo é empregada, muitas vezes, em *lato sensu*, portanto, o que nos referimos a vídeo, tanto pode ser uma simples tela de computador, ou a televisão (modelo broadcast- radiodifusão através das ondas hertzianas -) ; como também o vídeo-arte – tendo formato e proposta diferentes da TV comercial, estatal ou paga, e que usa de modo criativo e aproveitável o suporte videográfico. Ou ainda o vídeoclip - ambiente subversivo onde o conteúdo imagético não se subordina a coerência de idéias, a miscelânea de imagens apenas segue o fluxo da música. E, por último, o vídeo-documentário que tem um caráter mais informacional com um discurso menos fragmentado (levantamento de dados sobre um determinado assunto/tema).

Existem vários tipos de documentário: aquele que é feito a partir da edição de várias entrevistas sobre um determinado tema ou personalidade (as informações serão oferecidas ao telespectador através de sonoras, ou seja, pelos entrevistados, sem a mediação do repórter, às vezes, usa-se locução e caracteres como reforço). Neste caso, uma boa edição é fundamental para o desenrolar da narrativa que pode ser ou não linear. Outro modelo é aquele pensado nos moldes telejornalísticos: escolhe-se um tema e o desenvolve aplicando

as técnicas e conceitos do telejornalismo (sonoras, passagens e Offs) quase sempre obedecendo a linearidade dos fatos. Nesse tipo de documentário pode ter um apresentador, estilo do atual “Globo Repórter”. *O Globo Repórter* – da Rede Globo de Televisão – é uma espécie de documentário feito para ser exibido em televisão, dividido em partes facilitando, assim, a inserção de comerciais. *O Globo Repórter* já teve outros formatos desde a sua criação em março de 1973. “Uma das primeiras tentativas de fazer documentário na televisão brasileira foi um programa chamado *Globo Shell Especial*”. A primeira versão do *Globo Repórter* “estava mais próximo do documentário europeu, em que nenhum membro da equipe aparece no vídeo. É a câmera que descobre, entrevista, vai mostrando tudo. Não tem o intermediário, uma espécie de mestre de cerimônias, que acabou sendo o papel desempenhado pelo repórter no modelo americano”, (Jorge Pontual em *Jornalismo Eletrônico Ao Vivo*, p 97).

Já existem documentários que misturam realidade com ficção, como é o caso do documentário baiano “Recôncavo na Palma da Mão”, produzido pelo IRDEB. Este produto audiovisual insere elementos ficcionais em sua estrutura narrativa, apropriando-se inclusive da linguagem teatral. Geralmente, o diálogo proposto pelo documentário prima pela leveza do texto, é informativo ao mesmo tempo que é poético e cheio de jogos de linguagem.

Ao contrário do roteiro da grande reportagem que é mais flexível, funcionando como um ponto de partida que pode ser mudado de acordo com a apuração, o roteiro do documentário é mais fechado e geralmente já está pronto quando se parte em busca das imagens. A linha que separa a grande reportagem do documentário é bastante tênue. Meu Projeto Experimental também pode ser classificado como sendo uma grande reportagem, porque introduz elementos do telejornalismo em sua construção. Mas se caracteriza como documentário por ter um roteiro definido. Neste contexto aproxima-se do vídeo e do cinema. Uma grande reportagem não tem apenas que ser grande no tamanho, precisa ter grandeza de estilo e conteúdo. José Hamilton Ribeiro tem a fórmula infalível: “**Grande Reportagem** é

igual a um **Bom Começo** mais um **Bom Final**, em cima de **Trabalho** vezes **Talento** elevados à enésima potência”(Ribeiro, José Hamilton : *Repórteres*, p 115) .

Meu produto (Projeto Experimental) - que genericamente pode ser qualificado de vídeo, guardando as devidas diferenças no que se refere ao formato - tem a pretensão de ser um documentário nos moldes telejornalísticos . Em se tratando de um experimento que visa aplicar os conceitos absorvidos das disciplinas ao longo do curso, achei que realmente poderia fazer uma “experiência”, por isso resolvi mudar de paradigma. Em outras palavras, misturar fórmulas. No meu documentário estão presentes: o vídeoclip; um pouco de poesia; caracteres como subsídio informacional; Offs; sonoras; passagem e, acima de tudo, emoção porque a emoção é o tempero essencial da boa reportagem: “... sozinho um fato é apenas um detalhe do caos...O repórter deve entender o que tem a narrar. E para isso precisa sentir. Só então ele ordena o caos... Porque o repórter sente, as reportagens emocionam.” (declaração de Eugênio Bucci sobre “A Arte da Reportagem” de Igor Fuser).

O vídeo - neste caso em *strictu sensu*, produto audiovisual - por si só já é eficaz, seus elementos formadores (som e imagem) facilitam a disseminação e penetração de conteúdos nos locais mais longínquos, furando as fronteiras espaciais e culturais, instaurando a “aldeia global” profetizada por Macluhan.

O conceito de “aldeia global” que esquentava os debates sobre o papel da televisão nos anos 60, migrou da TV para a Internet - a hiper mídia dos anos 90 - este meio informacional (este ambiente) mais do que nunca é a própria mensagem. Mas nem por isso a TV e os produtos audiovisuais perderam a majestade no que diz respeito à eficiência de difusão de idéias, conceitos e informações. Cada vez mais é uma vertente que se firma com uma ampla galeria de seguidores e admiradores mundo afora.

Todo trabalho monográfico exige a escolha de um tema . Dentro desse tema faz-se um recorte, especificando-o ainda mais para não correr o risco de fugir do assunto. A abertura de flancos pode descaracterizar o produto. A monografia é mais minuciosa e até mais completa – no que se refere a detalhes - do que um produto audiovisual que tenha o mesmo tema . Isso ocorre por conta da natureza do suporte, ou seja, é característico da monografia, do romance, do livro reportagem, ser mais rico em detalhes e cheio de informações. Este ambiente instrumentaliza - se para que isso ocorra e exige que seja dessa maneira. Este é o paradigma.

Já o vídeo-documentário, por exemplo, não pode ser tão detalhista assim, o suporte é outro, o ambiente é mais dinâmico, instantâneo. Na monografia, a riqueza de informações é imprescindível para que o leitor crie, reconfigure em sua mente o mundo que lhe é descrito. No produto audiovisual isso é dispensável, o telespectador não precisa criar, apenas olhar as imagens que lhe são mostradas, a realidade ou a pseudo-realidade já estão oferecidas. No vídeo, detalhismo é sinônimo de enfadonho. As informações precisam (mais ainda) serem filtradas, selecionadas, segundo o grau de importância e critérios de notícia (o que realmente é importante as pessoas tomarem conhecimento?) .

As informações do vídeo são mais fáceis de serem assimiladas, até um analfabeto poderá compreender. O que não ocorre com um produto que precisa ser lido - em sentido literal - a linguagem do vídeo também é mais acessível, ela já vem pronta para ser digerida. Num site, por exemplo, as informações precisam ser “puxadas”. O usuário, além de alfabetizado, precisa ter acesso a um computador, ter tempo, paciência para poder “surfear” ou “navegar” pela Internet em busca de informações, lazer e entretenimento. Sendo assim, arrisco dizer que uma mensagem seria mais facilmente apreendida quando veiculada em vídeo.

A fotografia é outro gênero de produção de sentidos que lida com imagem e informação - de forma estática . Sem dúvida, quando uma imagem (mensagem) ganha som e movimento ela é melhor compreendida. Porém, a vantagem da fotografia sobre o vídeo está na melhor definição desta imagem – por conta da natureza técnica. Todavia o avanço tecnológico vem cada vez mais estreitando essa diferença, a TV de alta definição (HDTV) e as câmeras de vídeo digital proporcionam imagens de excelente definição técnica, aproximando a fotografia do vídeo, no que se refere a qualidade de imagem.

O cinema é a emancipação da fotografia. Assemelha-se ao vídeo porque tem som e imagens em movimento e também na eficiente disseminação de conteúdos, (atentando, é óbvio, para as diferenças de ordem técnica) . Cinema é de natureza fotoquímica, enquanto o vídeo é de natureza técnico – eletrônica. O processo de produção do primeiro se dá através de fotogramas, e o do segundo através de circuitos eletrônicos. A imagem do vídeo já nasce com movimento, no cinema o movimento vem a *posteriori*, com isso a imagem cinematográfica pode ser melhor trabalhada, retocada, retirada as “sujeiras”. No vídeo, a imagem é o que é, sem “máscara” (principalmente nas transmissões ao vivo). O cinema tem efeito hipnotizante - desconexão com a realidade - E o vídeo joga com outros sentidos, você pode fazer duas atividades ao mesmo tempo: almoçar enquanto assiste ao vídeo (ou a TV), por exemplo, sem prejudicar o entendimento do conteúdo. O que não se aplica a uma sala escura de cinema que exige do telespectador o máximo de concentração, porque a estrutura narrativa do filme pede que seja dessa maneira.

A tecnologia do cinema é mais antiga que a do vídeo, mas a chegada do novo não aniquila a anterior, há espaço para cada uma se desenvolver e se renovar dentro da sua própria linguagem. Foi assim com a Imprensa, o Rádio, a Televisão e, mais recentemente, com a Internet. Uma produção videográfica tem a vantagem de ser mais barata que uma produção cinematográfica. E é por isso que o vídeo é um meio viável, mais econômico e eficaz para veicular produções artísticas e culturais.

- **Escolha do gênero**

Lidar com a imagem muito me fascina, por essa razão escolhi fazer um produto audiovisual. É interessante ver imagens de humanos ou coisas serem reproduzidas tal e qual (seja por uma câmera fotográfica, de cinema ou de vídeo) e flagrantes tornarem-se (quase) eternos. Os profissionais que trabalham com a imagem, seja a sua própria ou a de outrem, podem constantemente rever suas imperfeições e diariamente autocorrigir-se. Isso deve acontecer com os fotógrafos, modelos, diretores e atores de cinema, diretores de telenovelas e telejornais, repórteres e apresentadores de telejornais ou TV, *videomakers* etc... A melhor forma de, ao meu ver, lidar com a notícia e a imagem ao mesmo tempo – numa perfeita simbiose - é ser repórter de telejornal (porque neste caso, você se vê trabalhando, todos os dias poderá fazer sua autocrítica e aprimorar seu desempenho). Por este motivo escolhi essa como minha profissão, nada melhor que fazer um vídeo-documentário - como Projeto Experimental – para treinar minhas habilidades e potencialidades. Neste trabalho testo minha capacidade como diretora, produtora, roteirista, editora e repórter, enfim, misturo as coisas que mais gosto de fazer : ser repórter e *videomaker*.

- A palavra videográfico surgiu na década de 60. No contexto desta memória aparece referindo-se aquilo que é produzido com uma câmera de vídeo, diferente daquilo que é feito com câmera de cinema (cinematográfico) e fotografia (fotográfico), ou seja, produtos nascidos a partir de uma câmera de vídeo.

O Processo de Produção

- O embrião

Farei uma breve retrospectiva até chegar a produção do meu documentário . No 6º semestre, matriculei-me na disciplina COM 013 (Elaboração do Projeto em Comunicação). Na época, a titular da disciplina era a professora Rita Maia. Já no primeiro dia de aula fomos interpelados pela então professora sobre o que faríamos no 8º semestre como Projeto Experimental. Poucos tinham uma idéia clara do que queriam fazer. Achávamos cedo para responder esta pergunta. Ainda meio confusos, na aula seguinte levamos um questionário respondendo e explicando o que seria o Projeto de cada um, esta tarefa era, digamos, “obrigatória” .

No meu questionário (chamo de questionário porque havia outras questões a serem respondidas) coloquei que gostaria de fazer uma tele-reportagem sobre a cidade de Rio de Contas, situada na Chapada Diamantina e justifiquei minha pretensão. A professora perguntou-me: - o que você vai mostrar de negativo da cidade? Respondi.

- Mas minha cidade não há nada de negativo para se fazer um contraponto, além do mais, quero falar da sua beleza e da sua história, argumentei. Segundo ela, a banca poderia questionar-me que só havia mostrado um lado da cidade. Mas eu continuei insistindo que em Rio de Contas não existia miséria, ruas sujas, grandes corrupções, matadores de aluguel ou coisas do gênero. Então ela me sugeriu um vídeo institucional turístico (o que representa um outro tipo de vídeo que não foi mencionado na parte quando falo de vídeo – o vídeo institucional trata-se de um vídeo com duração superior a 3 mim e que tem por objetivo promover uma instituição, classe ou categoria. No caso do turístico promover uma cidade, estado, país ou continente).

Quando ela me sugeriu fazer o vídeo turístico, foi baseado na seguinte tese: se Rio de Contas é maravilhosa e se eu estava empolgada em promover minha cidade, o ideal seria

este tipo de vídeo. Segundo ela, meus olhos brilhavam quando falava de Rio de Contas. Eu disse então – Rita , não sei nada de turismo. Ela respondeu – Nem eu, vire-se!

Descobri que minhas dificuldades estavam apenas começando. Fui à Faculdade de Turismo (Mouraria) em busca de bibliografia, mas nada consegui . Pesquisei na Internet, só encontrei uma indicação sobre o livro de Doris Rushmann - que trata de Turismo – além de textos sobre Turismo e Hotelaria (gerenciamento de turismo hoteleiro). Fui à biblioteca da Bahiatura e lá encontrei dados sobre a cidade de Rio de Contas, sua colocação em relação ao turismo da Chapada Diamantina (segundo pólo turístico da região), também entrevistei o gerente de Marketing Nacional da Bahiatura, Renato Sena, que me deu algumas orientações sobre o assunto. A partir dessa coleta de dados comecei a fazer o esboço do meu Anteprojeto. Meio que sozinha, concluí o trabalho que ficou mais parecido com um projeto de comunicação para alavancar o turismo de Rio de Contas do que qualquer outra coisa. Mesmo assim consegui a nota 8,5.

Desde o início sabia que não era vídeo turístico que queria fazer (elaborei o Anteprojeto para ter uma nota na disciplina, pois a professora estava irredutível em seus argumentos), até porque fazer um vídeo turístico sem imagens aéreas fica fora de cogitação. E o custo desse projeto (com imagens aéreas) para mim seria inviável economicamente pois, segundo um levantamento de preço que fiz, uma hora de helicóptero custa em média US\$ 1.300,00.

No semestre seguinte, época da entrega do Anteprojeto, foi outro dilema. O que falar então sobre de Rio de Contas? Tomei conhecimento que havia um documentário sobre a cidade feito pela TVE. O documentário fala de coisas das quais boa parte gostaria de apresentar no meu trabalho. Mas aí correria o risco de mostrar aquilo que já foi retratado de alguma maneira e pecaria por falta de originalidade - mesmo sabendo que certas peculiaridades sobre a cidade não foram mencionadas nesse documentário. Certo dia conversava com meu sobrinho, 23 anos, sobre a terrinha e ele comentou comigo sobre umas fotos que havia tirado da festa de *Corpus Christi*, em 1998. Foi aí que tive o *insight* : Era

sobre esta festa que seria meu documentário. Rio de Contas seria o pano de fundo mais que perfeito para as minhas segundas intenções, ou seja, promover a cidade sem precisar fazer um vídeo turístico.

Comecei então a pesquisa sobre essa festa católica e descobri que Rio de Contas era a 4ª cidade do Brasil que tinha como padroeiro o *Corpus Christi*. Seria este o caminho: o requinte e a pompa deste evento religioso, a mudança de rotina da cidade por causa dele. A outra etapa seria fazer o Anteprojeto. Antes de fazê-lo comentei a idéia com o professor Messias Bandeira - que na época era titular da disciplina Oficina de Planejamento e Gestão em Jornalismo - em que havia me matriculado. Ele achou interessante. Então perguntei se gostaria de ser meu Orientador. Segundo ele, seria um prazer! (Esta conversa aconteceu no primeiro dia de aula do 7º semestre).

Para mim estava tudo certo. Perto da entrega do Anteprojeto, o professor Messias comunicou-me que estava com três orientandos, muito antes de mim. Eu seria a quarta. De acordo com as novas normas do Colegiado seria inviável, mas ele iria conversar com o diretor Marcos Palácios e expor meu problema. Na véspera da data limite de entrega do Anteprojeto ainda não tinha uma resposta. No dia seguinte em sua aula, ele disse-me que tinha conversado com o diretor e este havia dito que os professores da disciplina de Telejornalismo poderiam sentir-se preteridos e como ele (Messias) já estava sobrecarregado, a solução seria passar a minha Orientação para um professor que tivesse mais afinidade com o meu trabalho. Às 10h da manhã (o Anteprojeto deveria ser entregue até às 16h no Colegiado) fui apresentada à professora Vera Martins pelo professor Messias Bandeira e eu pedi que fosse minha Orientadora. Ela gentilmente aceitou e assinou o Termo de Aceite. Tudo aconteceu às vésperas da minha viagem para Rio de Contas.

Por falar em viagem vou abrir um parêntese e comentar a respeito da polêmica que esse episódio causou na Facom. Um mês antes da viagem - da festa de *Corpus Christi* – fiz um ofício comunicando ao diretor Marcos Palácios, o objeto de

estudo do meu Projeto Experimental e da necessidade da saída dos equipamentos de filmagem, assim como a liberação dos profissionais que operavam os equipamentos, por três dias úteis durante os festejos do *Corpus Christi* que acontece no mês de junho. Explicava o porquê de iniciar as filmagens do Projeto com um semestre de antecedência (o *Corpus Christi* tem mês fixo, se não fosse naquela época só em junho do ano 2000). O que atrasaria em um ano minha formatura. E os empecilhos seriam os mesmos em qualquer ano, isto é, as mesmas alegações por parte dos professores das disciplinas de Telejornalismo e dos formandos do semestre. Portanto necessitaria da compreensão de todos para eu realizar meu Projeto. O diretor Marcos Palácios autorizou a saída dos equipamentos, imediatamente entreguei o ofício com sua autorização à coordenação do Laboratório de Vídeo da Facom.

O que não esperava era a reação de uma formanda uma semana antes da viagem (segundo a coordenação do LTV, todos formandos que usariam os serviços do laboratório haviam sido avisados com antecedência e todos “compreensivamente concordado”). Mas esta aluna se sentiu prejudicada e foi para a lista de discussão da Facom destilar sua revolta. Segundo ela, eu não tinha Orientador, nem sequer um Anteprojeto com que direito eu requisitaria a saída dos equipamentos da Facom? Em minha defesa saíram os professores Messias Bandeira e Marcos Palácios (segundo às novas normas do Colegiado sobre o Projeto Experimental, o aluno tem direito de começar a fazer seu Projeto até com um semestre de antecedência). Não fui para lista defender-me, pois achei que não seria necessário, mas o assunto rendeu muito “pano pra mangas”. Algum tempo depois ela pediu-me desculpas. Eu, sem ressentimentos, as aceitei.

- **A pré- produção**

A pré-produção foi a fase que consistiu desde o levantamento de dados sobre o tema (pesquisa e análise do material bibliográfico / videográfico), até os contatos que mantive com pessoas e a prefeitura de Rio de Contas, a Arquidiocese de Salvador e Igreja da Penha

(Salvador). Consegui da prefeitura de Rio de Contas o apoio financeiro (transporte, hospedagem e alimentação). Através de fax e sedex consegui todo material de pesquisa para meu trabalho (os documentos foram do Arquivo Municipal de Rio de Contas). De Salvador agendei entrevistas, pelo telefone, em Rio de Contas. Minha cunhada ajudou-me nesses contatos. Algumas dúvidas sobre a festa de *Corpus Christi* tirei com pessoas da Arquidiocese e da Igreja da Penha (o Arcebispo que canonizou o *Corpus Christi* como padroeiro de RC, também fundou a Igreja da Penha em Salvador).

O passo seguinte foi a elaboração do roteiro de filmagem. Para isso apropriei-me da linguagem cinematográfica no que diz respeito a movimentos de câmera, angulação e planificação. Detalhei como queria as imagens e quais imagens; o que era para ser filmado e em que momento poderia acontecer- imprevistos acontecem e tínhamos que estar preparados -; quem seria entrevistado e a que horas. Tudo isso estava especificado no roteiro. Nem tudo foi cumprido, por causa da falta de tempo e da simultaneidade dos acontecimentos.

Saímos de Salvador às 6h do dia 1º de junho/99 e chegamos a Rio de Contas às 17h30 do mesmo dia (na noite anterior dormimos apenas 3 horas). Já chegamos “colocando a mão na massa”. Só tivemos tempo de descarregar a bagagem e os equipamentos, pois tínhamos entrevistas marcadas para às 18h e 19h. Corríamos contra o tempo, tínhamos dois dias para cumprir o roteiro que, no mínimo, precisaria de uma semana. Todo o período que lá estivemos, trabalhamos a toque-de-caixa e sob constante estresse. Dormíamos pouco, almoçávamos geralmente às 16h e jantávamos por volta da meia noite.

- **Dificuldades**

Uma das minhas dificuldades em Rio de Contas - e que me deixou mais nervosa em vez de tranquilizar-me, era o fato de eu ser “filha da terra”. Sentia “o peso do olhar curioso” das pessoas. Para realizar meu trabalho teria que me abstrair de certas coisas e concentrar-me apenas no que estava fazendo, e isto é complicado quando se conhece todo mundo em sua volta. Segundo manda o figurino do interiorano, é de bom tom ser educada (e isso significa cumprimentar a todos e dar atenção por alguns minutos, ser agradável e responder uma bateria de perguntas). Tinha duas alternativas: ser tachada de “metida” ou ser profissional. Optei pela segunda. Essa dificuldade foi de ordem, digamos, prosaica...

Mas encontramos dificuldades de ordem mais técnica. Alguns eventos sucediam-se ao mesmo tempo. Por exemplo: na **Noite das Lanternas** acontece a passeata da Filarmônica e o leilão. Priorizamos a passeata, por isso tivemos pouquíssimas imagens do leilão. A equipe, principalmente, o cinegrafista não podia estar em dois lugares ao mesmo tempo (as leis da Física ainda não permitem tal proeza). Outro problema que empobreceu as imagens da Missa Eucarística (ponto máximo em louvor ao padroeiro) comprometendo, por conseguinte, o vídeo, foi a proibição do Bispo em circularmos dentro da igreja. Nossas imagens dentro da igreja são praticamente as mesmas, o mesmo ângulo. Uma outra dificuldade foi o cansaço e o corre-corre excessivo nos dias de filmagem.

Por falar em corre-corre, algumas passagens feitas nas ruas da cidade não ficaram boas devido ao cansaço visível na minha voz: à noite precisávamos do *sungan* para iluminar, como nosso equipamento não dispõe de luz acoplada na câmera, precisávamos de tomada e isso só era conseguido na casa dos moradores. Mas a procissão nem a passeata esperavam a equipe procurar luz ou coisa parecida, os eventos aconteciam com ou sem filmagem. Éramos nós que literalmente corríamos atrás deles. Nessas corridas atrapalhadas eu me cansava muito (por causa da maratona e do frio de 15º graus) e como o momento único não ia se repetir fiz as passagens. Era tudo ou nada. Como tive o livre arbítrio, optei

por não colocá-las, substituindo-as por Offs. Então o 1º Off que fala do *Corpus Christi* como padroeiro de Rio de Contas e o OFF que fala da **Noite das Lanternas** eram passagens que receberam alguns ajustes.

O documentário era para ter três passagens: uma logo no início, outra no meio e a outra quase no final, buscando um certo equilíbrio estético. Devido a estes problemas, só ficou a última. Nesta, minha voz também está um pouco trêmula, mas não poderia derrubá-la. Suas informações são importantes e se a transformasse em Off, não teria imagens para cobri-la.

Logo que cheguei a Salvador, procurei organizar-me para, assim que terminasse o 7º semestre - que ainda estava cursando - começar o processo de decupagem das fitas e a elaboração do roteiro de edição. Até aí tudo ocorreu como o planejado. Feito o roteiro, marquei horários na ilha de edição para começar a formatar o vídeo. Como já mencionei logo no início desta Memória, quando metade do material estava editado não gostei do resultado. Fiz novo roteiro de edição, mexi várias vezes no texto dos Offs. Estava meio perdida, pois teria que reestruturar um documentário que havia sido pensado e direcionado para ter outro formato. Mas usei o bom senso e consegui fazer adaptações no antigo roteiro.

As constantes interrupções na ilha, por causa dos visitantes e alunos (a editora de imagens é também a Coordenadora do setor, cabendo a ela dar informações e prestar outros serviços a alunos e professores da Facom) prejudicavam o andamento do trabalho. A obsolescência dos equipamentos de edição também comprometeram a qualidade do vídeo (em termos técnicos, mesmo que eu quisesse não podia fazer grandes inovações). Os caracteres que informavam a autoria do hino de Rio de Contas não puderam ser colocados em cima das imagens, sendo colocados depois da sua declamação que acontece logo no início do vídeo. Segundo Selma Barbosa, a editora de imagens, a “máquina” não faz os efeitos de fusão e *slow* com caracteres (muito longos) de forma simultânea. Para não perder o que já havia sido feito antes (a ilha de edição da Facom é linear) optei em escrever os

caracteres em separado, porque essa é uma informação necessária e não cabia ser dita em Off (particularmente gostei do resultado) .

Os equipamentos carentes de manutenção, a todo instante, sinalizavam cansaço e pareciam que iam pifar definitivamente a qualquer hora. E era sob esta desagradável iminência que consegui finalizar meu trabalho. Sem contar que, por algumas vezes, o VT de edição quebrou, obrigando-me a interromper meu trabalho até por semanas. Os defeitos mais comuns eram: a máquina sair do ponto de edição; pulos quando se fazia fusões; os caracteres que fugiam a cor; o áudio que ficava abafado etc.

- **Os fades**

Optei pelo uso do efeito *fade* (*fade-in* , *fade-out*) em meu trabalho porque é um recurso que permite o corte suave, pontuando a mudança de cena e a introdução de outro assunto (em alguns casos até substituindo as sonoras). O *fade* funciona no vídeo como um ponto parágrafo em um livro.

- **A pós-produção**

A pós-produção foi o processo final que consistiu nos arremates: uso de flashes para disfarçar os cortes nas sonoras e a inserção da música incidental. Todas as músicas foram escolhidas com muito critério, a música é fundamental num trabalho dessa natureza, ela dá ritmo e emoção ao vídeo . Um audiovisual sem música é como um corpo sem alma. A música tem que combinar com a cena, deve ser um casamento indissociável, o BG errado destoa e descaracteriza o trabalho. A trilha sonora foi executada pela Filarmônica Lira dos Artistas de Rio de Contas. Gravamos um ensaio da Filarmônica das músicas que seriam tocadas durante os festejos de *Corpus Christi* . Na fase de pós-produção fizemos a mixagem.

- **Cronograma**

A edição desse video-documentário foi atípica, não obedeceu a um cronograma definido. Não posso afirmar com exatidão quanto tempo levou para ficar pronta. Os motivos já foram citados. A primeira versão, metade do produto foi editado em duas semanas. A versão definitiva foi mais complicada: a ilha quebrou várias vezes, havia trabalho de outras disciplinas para serem editados; visita e relatório do Mec também atrapalharam o andamento do vídeo. Portanto, não posso precisar qual sua carga horária. Em média foram mais de duas semanas não consecutivas com aproximadamente quatro horas por dia. O que me favoreceu foi o fato de ter todo material bruto filmado com antecedência.

- **Orçamento**

O orçamento desse vídeo saiu quase a custo zero, só gastei com as fitas e capas VHS. As despesas com a viagem foram financiadas pela prefeitura de Rio de Contas. Os equipamentos de filmagem, assim como os de edição, foram utilizados da Facom.

Recursos que viabilizaram esse projeto:

1. **Humanos** – cinegrafista, assistente de iluminação, motorista , repórter , editora de imagens e de texto (Custo zero).
2. **Materiais** – câmera de filmar Super-VHS , equipamentos de iluminação, fitas de vídeo SVH e VHS, carro para o transporte humano e dos materiais, ilha de edição e Cd's para inserção de música incidental. (R\$ 15,00 compra de cinco fitas VHS)
3. **Financeiros** – Aluguel de carro, hospedagem, alimentação (por três dias) – estes recursos vieram da Prefeitura Municipal de Rio de Contas (custo zero)

Conclusão

A elaboração desse Projeto foi um grande laboratório para eu por em prática todo conhecimento que absorvi das disciplinas ao longo do curso (as Oficinas de Telejornalismo I e II, Oficina de Audiovisual, Linguagem Cinematográfica, Elaboração de Projeto em Comunicação etc.). Foi um grande momento, também, para testar minhas habilidades e potencialidades como repórter e *videomaker*. Além de poder exercitar a autoconfiança e a auto-superação (olhando para trás vemos que o processo seguinte pode ser melhor do que o anterior). Os conceitos teóricos são extremamente válidos para embasar qualquer trabalho que se execute, mas somente o exercício diário e a sensibilidade garantem a excelência do resultado.

Durante todo processo de execução deste trabalho procurei seguir o conselho da minha Orientadora: coloquei-me sempre no lugar do telespectador evitando, sempre que possível, a intransigente posição do criador da obra. O que realmente seria interessante ser mostrado? A mensagem está clara? Expressei-me de modo conveniente? Estes questionamentos devem estar em mente do profissional que lida com a informação, ainda mais quando essa informação vem atrelada à imagem.

Trabalhar em equipe foi para mim um grande aprendizado, há sempre valiosas trocas de conhecimentos. Manter um bom relacionamento com a equipe é a receita eficaz para que qualquer projeto flua com mais rapidez. Todos devem ter a consciência que o seu bom desempenho reflete de forma positiva no produto final. A responsabilidade é de todos e não apenas do realizador que assina o trabalho. Enfim, elaborar este video-documentário foi estressante mas, acima de tudo, foi extremamente instigante e prazeroso, pois ele não só representa um Projeto Experimental para a conclusão do curso, como também (e sobretudo) a realização de um sonho.

Anexo

Bibliografia

Machado, Arlindo: **A Arte do Vídeo**. São Paulo: Ed. Brasiliense,1988

Paternostro, Vera Iris: **O Texto na TV**. São Paulo: Ed. Brasiliense,1992

Curado, Olga: **Manual de Telejornalismo** – Coordenação de Afiliadas da Central Globo de Jornalismo,1997

Org. Fuser, Igor: **A Arte da Reportagem**. Volume I – São Paulo: Ed. Scritta,1996

Org. Dantas,Audálio : **Repórteres**. São Paulo: Ed. SENAC,1998

Orgs. Rezende, Sidney e Kaplan, Sheila : **Jornalismo Eletrônico Ao Vivo**. Petrópoles RJ: Ed. Vozes,1994

Videografia

Retrospectiva Atlantic do Vídeo Independente – Malú De Martino, 1992

Aquarela Musical do Sertão – Documentário produzido pelo IRDEB,1996

Recôncavo: Na Palma da Mão – Documentário produzido pelo IRDEB,1998

Rio de Contas e Pico das Almas: As flores da Chapada - Documentário produzido pelo IRDEB,1996

Canudos: Uma História Sem Fim – Documentário produzido pelo IRDEB,1996

